

O círculo de Viena¹

The Vienna circle

AMANDA VICTÓRIA MILKE FERRAZ DE CARVALHO² / ROSELE TERESINHA FÜHR³

O círculo de Viena foi um movimento que tentou dar uma resposta à questão: É possível conhecer cientificamente a realidade existencial? E, em caso afirmativo, como poderíamos fazer para estudar, investigar e conhecer cientificamente a realidade social? Para compreendermos isso é necessário, antes, entender o que foi o positivismo e quais foram as escolas responsáveis pelo movimento que levou ao Círculo de Viena e seu famoso manifesto, que, no caso, são basicamente o racionalismo e o empirismo.

Para melhor compreender estas escolas faz-se necessário que voltemos ao século XVII, quando aconteceu um movimento muito importante para a teoria do conhecimento, que, pela primeira vez na história, colocava o sujeito humano no centro da questão do conhecimento. Várias coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo, a ascensão social da burguesia como classe dominante, a revolução industrial, a revolução científica etc. Tudo isso forma o pano de fundo de um debate que catapultaria o sujeito humano para o centro da questão sobre o conhecimento.

A partir deste ponto o ser humano passa a ser visto como alguém que pode conhecer o mundo, que é capaz de conhecer os fenômenos, a realidade que o cerca. O homem passa a acreditar que é possível responder, de forma rigorosa as questões que o cercam, e as perguntas que surgem são: Como fazer isso? Quais critérios utilizar? Quais maneiras? Que métodos são mais apropriados? O que podemos utilizar para saber se um determinado conhecimento é verdadeiro ou falso?

¹ Este texto é derivado da fundamentação teórica de um planejamento de aula lecionada no ensino médio.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2024-2026). Bolsista de Apoio Técnico no projeto de pesquisa “Tradução da Correspondência de René Descartes” – CNPQ. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8095-0053> E-mail: mandamilke@gmail.com

³ Aluna Especial de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2024). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5076156312353971> e-mail: rosele79@hotmail.com

Isto continua sendo muito importante nos dias de hoje, em que estamos na, assim chamada, era da informação, e somos inundados diariamente por uma enxurrada de informações e muitas vezes temos dificuldade de diferenciar o que é verdadeiro e o que é falso. Quem nunca caiu em uma fake-News?

Então neste momento temos, basicamente, o racionalismo de um lado e o empirismo do outro. O racionalismo, pode ser representado por Rene Descartes, e, do ponto de vista cartesiano, partimos de uma verdade que não possa ser negada de nenhuma forma. Por isso, Descartes transforma a dúvida em método, pois, para o filósofo, é preciso duvidar de tudo, dos sentidos, dos argumentos, da autoridade, até da consciência e da realidade do próprio corpo e da realidade externa ao nosso corpo. Desta forma, a dúvida vira o método através do qual o indivíduo conhece a realidade. Se eu duvido é porque eu penso, e se eu penso é porque eu existo, porém, para Descartes, esse eu que duvida é puro pensamento, é uma *res cogita*, é um ser pensante que põe em dúvida a realidade do próprio corpo.

Em resumo, o racionalismo cartesiano tende à primazia da razão. A razão se torna soberana e é ela que dará suporte ao conhecimento, considerando a experiência algo ocasional, que está no mundo, mas que é uma armadilha que pode levar o indivíduo ao engano.

Já o empirismo é a escola contrária ao racionalismo a qual será expressa por Locke, Bacon e Hume. A palavra empirismo vem do grego *empiria*, que significa experiência, e ao contrário do racionalismo, o empirismo busca enfatizar o papel importante e fundamental da experiência para o conhecimento. Para os empiristas, a função da razão é posterior e está subordinada a experiência sensível, desta forma, para o empirismo o que importa primeiro é a experiência concreta, a experiência sensível dos seres humanos.

Deste modo chegamos ao positivismo de Auguste Comte. Para Comte a sociedade somente pode ser bem-organizada se estabelecermos uma reforma intelectual do ser humano. O filósofo divide as ciências em três fases: a Teológica, a Metafísica e a Positiva. Descrevendo-as:

Fase Teológica – há um número limitado de observações de fenômenos, então o que se destaca é a imaginação dos seres humanos diante da complexidade da

natureza. O sujeito somente consegue explicar as coisas do mundo a partir de explicações pessoais ou sobrenaturais, a virtude dessa fase é a coesão social.

Fase Metafísica – Assim como na fase teológica há a tentativa de explicar a natureza das coisas, as origens e os destinos das coisas, e a forma pela qual os fenômenos ocorrem, porém, a diferença consiste no método. Substitui-se a imaginação pela argumentação, dessa forma, quando o sujeito aponta a ineficiência da fase teológica, ela substitui a vontade divina por ideias ou forças.

Fase Positiva – A principal característica é a subordinação da imaginação e da argumentação à observação. Nesta fase o que importa é a observação, para Comte, o positivo é o sinônimo de precisão, no sentido de certeza com o que ele precisa, e é em torno dessa mentalidade positiva que Comte desenvolveu a ideia de procura das leis dos fenômenos.

A filosofia positiva considera impossível reduzir os fenômenos a apenas um princípio explicativo, como por exemplo Deus na fase Teológica ou a natureza na fase Metafísica. Para o positivismo cada ciência vai dar conta de um determinado grupo de fenômenos, mas não com um princípio explicativo apenas.

Outra característica do positivismo é a previsão, através da observação podemos prever como determinado fenômeno irá se comportar, é com a previsibilidade científica que podemos desenvolver a técnica sendo este o motivo que leva o estado positivo a corresponder à indústria.

Como podemos, ver o positivismo resgata o empirismo, pois a razão, no positivismo, é mobilizada só para lidar com o fenômeno concreto, para descrever leis que vão reger fenômenos empíricos. Para Comte, o espírito positivo coloca as ciências como fundamentais para a investigação do real, do que é certo, do que é precisamente determinado, constatável e verificável. Para o autor, as ciências são classificadas de acordo com a complexidade de seu objeto de estudo, ou seja, a complexidade possui uma sequência dentro das ciências:

Matemática → astronomia → física → química → biologia → sociologia

Desta forma que chegamos ao círculo de Viena, que, de modo geral, pode ser descrito como um grupo de filósofos unidos de maneira informal entre 1922 e 1936, na Universidade de Viena, e adquiriram notoriedade com um manifesto intitulado

A concepção científica do mundo. Escrito em 1929, estabeleceu que: “Em primeiro lugar, ela é empirista e positivista: há apenas conhecimento empírico, baseado no imediatamente dado. [...]. Em segundo lugar, a concepção científica do mundo se caracteriza pela aplicação de um método determinado, o da análise lógica.” (HAHN; NEURATH; CARNAP, 1986, p. 12)

Como o enunciado deixa claro, eles pretendiam eliminar a metafísica, tomando por base o empirismo clássico que deu origem ao positivismo de Comte, motivo pelo qual foi necessária toda esta digressão aos termos.

Essa concepção científica de mundo não possui pontos em si, teses próprias, mas sim uma atitude fundamental segundo seus próprios definidores. Essa atitude se dá através dos pontos de vista dessa concepção e das orientações de pesquisa que ela entrega aos cientistas. Porém, ela possui um objetivo, a ciência unificada, cito:

Tem por objetivo a ciência unificada. Seus esforços visam a ligar e harmonizar entre si os resultados obtidos pelos pesquisadores individuais dos diferentes domínios científicos. A partir do estabelecimento deste objetivo, segue-se a ênfase do trabalho coletivo e igualmente o acento no que é intersubjetivamente apreensível. Daí se origina a busca de um sistema de fórmulas neutro, um simbolismo liberto das impurezas das linguagens históricas, bem como a busca de um sistema total de conceitos. (CARNAP, 1986, p. 10)

Os integrantes do círculo de Viena, se aproximam dos sofistas e dos epicuristas, quem defende os seres mundanos, eles próprios mencionam essa aproximação. A concepção científica de mundo busca clareza e universalidade somente no que está aparente, palpável, mensurável e testável no mundo empírico. O que está fora disso, não se encaixa na concepção científica de mundo, mostrando-se uma forte crítica a metafísica, seguindo-se da então, recusa da filosofia metafísica nessa concepção científica de mundo determinada pelo círculo de Viena:

O método deste esclarecimento é o da análise lógica. Sobre ele diz Russell: "penetrou gradativamente na filosofia, mediante a investigação crítica da matemática. Representa, a meu ver, um progresso da mesma espécie daquele que foi introduzido na física por Galileu: resultados parciais pormenorizados e verificáveis ocupam o lugar de generalidades amplas e não-testadas, recomendadas apenas por um certo apelo à imaginação". (CARNAP, 1986, p. 10)

Então, é apontado que o método de melhor esclarecimento, para o manifesto, é a análise lógica. Com experimentos testáveis e verificáveis ao invés de generalidades amplas e sem possibilidade de testes. Os problemas não são obscuros e não existem enigmas insolúveis para o Círculo de Viena. Uma vez que tendo acesso ao mundo empírico é possível testá-lo e explicá-lo de uma forma satisfatória e sendo este mundo palpável o que vivemos, é isso que importa, compreender como ele funciona com o que temos como observar através do homem.

A metafísica é recusada na concepção científica de mundo e tem motivos listados onde parece se enxergar, de alguma forma, o que essas pessoas no círculo de Viena, tinham como metafísica. Dois “erros” são apontados por eles e atribuídos a metafísica: primeiramente, o vínculo forte com as linguagens que por vezes levam a erros, como a existência dos substantivos para diferentes classes de coisas. No segundo ponto, eles criticam o fato da metafísica acreditar que conseguem chegar em conhecimentos por si só, através do pensamento puro, sem o uso da experiência, o que eles clamam como algo impossível.

Os nomes associados ao Círculo de Viena que estão no manifesto, sendo importante olhá-los, são, citemos:

Membros do Círculo de Viena: Gustav Bergmann, Rudolf Carnap, Herbert Feigl, Philipp Frank, Kurt Gödel, Hans Hahn, Viktor Kraft, Karl Menger, Marcel Natkin, Otto Neurath

Olga Hahn-Neurath, Theodor Radakovic, Moritz Schlick, Friedrich Waismann;

Simpatizantes do Círculo de Viena: Walter Dubislav, Josef Frank, Kurt Grelling, Hasso Hárten, E. Kaila, Heinrich Loewy, F. P. Ramsey, Hans Reichenbach, Kurt Reidemeister,

Edgar Zilsel;

Representantes principais da Concepção Científica do Mundo: Albert Einstein, Bertrand Russel, Ludwig Wittgenstein; (CARNAP, 1986, p. 19-20)

Referências

HAHN, Hans; NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf. A concepção científica do mundo – O Círculo de Viena. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Campinas: Unicamp. V. 10, N. 1, P. 5-20, 1986.

ROGERIO, Antonio. *Círculo de Viena*. Algosobre. Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/circulo-de-viena.html>> Acesso em: 20 de junho de 2022.

CABRAL, JOÃO FRANCISCO P. *O Círculo de Viena e o início da Filosofia Contemporânea da Ciência*. Disponível em: <O Círculo de Viena e o início da Filosofia Contemporânea da Ciência. (uol.com.br)>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

Submissão: 05. 04. 2024 / Aceite: 01. 05. 2024